

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER

Curso de Bacharelado em Jornalismo

PATRICIA MARINELLI ZENI

**O FUTEBOL FEITO POR ELAS: UMA HISTÓRIA DO CAMPEONATO
PARANAENSE FEMININO**

CURITIBA

2019

PATRICIA MARINELLI ZENI

**O FUTEBOL FEITO POR ELAS: UMA HISTÓRIA DO CAMPEONATO
PARANAENSE FEMININO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau de
bacharel em Jornalismo ao Centro Universitário
Internacional UNINTER.

Orientador: Prof. Dr. Eugenio Vinci de Moraes

CURITIBA

2019



Centro Universitário Internacional Uninter
Curso de Comunicação Social
Ata de Banca de Trabalho de Conclusão de
Curso

Aluno/a: PATRICIA MARINELLI ZENI

Trabalho: O FUTEBOL FÉITO POR ELAS - UMA HISTÓRIA
DO CAMPEONATO PARANAENSE FEMININO

Orientador/a: Prof. Eugênio Vinci de Moraes

Examinador/a 1: Profa Karine Vieira *Karine Maria Vieira*

Examinador/a 2: Profa MÁRCIA BOROSKI *marcia Boroski*

Data: 10 / 12 / 2019. Ass. Aluno/a: Patricia Marinelli Zeni

Nota: 100 Resultado: ☒ Aprovado - ☐ Reprovado

Observações: Indicação da banca para
publicação.

ATENÇÃO:

- 1) Preencher em letra legível o nome completo do/a aluno/a
- 2) Preencher em letra legível o nome completo do trabalho, tal qual está na capa.
- 3) O/A aluno/a e todos os professores devem assinar ao lado do nome.
- 4) Advertir o aluno de que a nota só será lançada após a entrega da versão final do trabalho (com as alterações solicitadas pela banca, conforme as observações acima).

RESUMO

A prática do futebol feminino está crescendo. De acordo com um estudo divulgado pela FIFA, o Brasil tem 15 mil mulheres praticando o esporte, sendo 12 mil amadoras. As jogadoras que atuam no Paraná estão nessa estatística e desde o ano de 1995 o campeonato estadual é feito dessa forma, amador. Por isso, o objetivo principal deste trabalho foi relatar o desenvolvimento do futebol feminino no Estado do Paraná por meio da produção de um livro-reportagem. A cobertura do futebol feminino regional sempre foi e ainda é pequena, por isso o livro-reportagem se embasa na divulgação e no resgate histórico da competição, além de buscar a valorização das jogadoras, que protagonizam os jogos. Os métodos utilizados foram a pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas para entender a história do futebol feminino e, em especial, a do Campeonato Paranaense Feminino.

PALAVRAS-CHAVE: futebol; futebol feminino; futebol paranaense; livro-reportagem.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 METODOLOGIA.....	10
2.1 METODOLOGIA JORNALÍSTICA	12
3 O FUTEBOL.....	14
3.1 O FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO E A PROIBIÇÃO.....	16
3.2 O CAMPEONATO PARANAENSE FEMININO.....	18
4 JORNALISMO ESPORTIVO.....	22
5. REPORTAGEM	24
5.1. LIVRO-REPORTAGEM	24
5.2 O NEW JOURNALISM	26
5.3 OS GÊNEROS	28
6 DESCRIÇÃO DO PRODUTO	29
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32
ANEXOS	35

1 INTRODUÇÃO

O futebol é a maior modalidade esportiva praticada no Brasil. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2017, 15,3 milhões de pessoas são adeptas do esporte no país. Apesar do futebol ter começado com a elite, foi o povo quem abraçou e tornou a modalidade uma paixão e a transformou em uma comunidade (SEVCENKO, 1994).

A popularidade do futebol já se firmara no começo do século XX. A música é popular testemunha disso. Pixinguinha e Benedito Lacerda compuseram o choro *Um a zero* em 1919, para comemorar a vitória do Brasil contra o Uruguai, na final do III Campeonato Sul-Americano de Futebol, disputado no Rio de Janeiro naquele mesmo ano. Em 1993 o compositor Nelson Ângelo fez uma letra para a canção, cujos versos acentuam o elo emocional com o esporte: “são onze de cá, onze de lá e o bate-bola do meu coração.”

O jornalista José Maurício Capinussú escreve em seu livro *A Linguagem Popular do Futebol* que “o futebol está intimamente ligado ao cotidiano do brasileiro” (CAPINUSSÚ, 1988, p. 16), pessoas vão aos estádios, usam produtos de seus times do coração e assistem jogos que estão passando na televisão, mesmo não sendo do clube que torce.

O futebol, portanto, é um fenômeno de grande importância social. O esporte mobiliza pessoas, ganha símbolos, cria expressões, é movido pela paixão e emoção tanto de quem está dentro de campo quanto de quem está fora.

É por isso que a narrativa do futebol jamais deve ser confundida com uma simples transferência de informação. Quando contamos o futebol, pouco importam os dados objetivos de uma partida. O essencial está mais recuado e não pode ser alcançado pela impessoalidade de números e estatísticas. O futebol é um esporte que lida incessantemente com a tensão (e não raro a discrepância) entre a realidade do placar e o que realmente aconteceu em campo. (KAZ E COSTA E SILVA p. 74)

No livro *Veneno Remédio*, José Miguel Wisnik menciona a tradicional pergunta “O que fazem vinte e dois marmanjos de calças curtas correndo atrás de uma bola?”. Dentre as diversas possibilidades de resposta apresentadas no texto uma delas se justifica pela paixão. “Para quem se alimenta, no entanto, na sua

multiplicidade aberta, de uma margem irrecusável de desejo e acaso - o futebol pode ser objeto simultâneo de paixão e desafio intelectual” (WISNIK, 2008, p. 46).

O autor também coloca em discussão que, apesar da paixão que envolve o futebol, o torcedor precisa entender o jogo. “[...] É preciso que o torcedor aceite a condição de que estamos sujeitos a ganhar [...] e a perder” (WISNIK, 2008, p. 46).

O jornalismo foi um dos grandes responsáveis pela identificação das pessoas com os clubes e seleção, a criação de jargões e expressões próprias da comunidade. Capinussú (1988) separou algumas expressões futebolísticas como “apagar das luzes”, “artilharia”, “banheira”, “bicicleta”, “cama de gato”, “caneta”, “caneco”, “carrinho”, “cobertura”, “degola”, “driblar”, “elenco”, entre outras, que foram criadas pelo jornalismo esportivo para exprimir alguma ação de jogo. A expressão Fla-Flu, conforme Hollanda (2017), foi criada pelo jornalista Mário Filho, no meio dos anos 1930, para aproximar o público do jornal.

Outro jornalista que contribuiu com o desenvolvimento do futebol foi Thomaz Mazzoni, autor de diversos livros da literatura esportiva a partir dos anos 1920, entre eles *O Brasil na Taça do Mundo*, uma série de artigos intitulada *Problemas e Aspectos do Nosso Futebol*, *Flô*, sobre o melhor goleiro do mundo em 1940, *Regras e Arbitragem*, entre outros. Segundo Ribeiro (2015), foi Mazzoni quem criou expressões para os clássicos do futebol paulista, como “choque-rei” para São Paulo e Palmeiras e “majestoso” para Corinthians e São Paulo, além das alcunhas dos clubes de São Paulo.

Academicamente o estudo de futebol é recente. Entre os autores pioneiros estão José Carlos Rodrigues e Roberto DaMatta, com artigos publicados nos anos 1970, sempre sobre o futebol masculino. DaMatta publicou importantes estudos como *O Rei e o Rito*, sobre Pelé, e *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*, que faz parte da coletânea *Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro*. A Revista USP também dedicou edições para o estudo do futebol, em 1994 e em 2013, com artigos de autores como Nicolau Sevcenko¹, José Sérgio

¹ <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26956>

Leite Lopes² e Waldenyr Caldas.³ O historiador Hilário Franco Júnior contribuiu com a área acadêmica com artigos, ensaios e livros, entre eles *Dando tratos à bola* e *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. José Miguel Wisnik também realizou estudos com relação ao esporte no livro *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. O futebol feminino recebeu atenção acadêmica principalmente na área de educação física, com Silvana Goellner, nos anos 2000, em publicações em revista da área; e em história com Aira Bonfim, tratando de assuntos como a origem do futebol feminino.

Apesar de não ter o mesmo alcance que o futebol masculino, por ter sido proibido durante os anos de 1941 e 1979 no Brasil, o estudo do futebol feminino é importante para entender esta opressão e preconceito sofridos até os dias atuais pelas mulheres que entram em campo. Apesar dessa opressão, que não aconteceu somente no Brasil, hoje temos 13 milhões de jogadoras filiadas a Federações ao redor do mundo, segundo números divulgados pela FIFA e publicados no Portal UOL. No Campeonato Brasileiro Feminino de 2019, 16 times disputaram a Série A1 e 36 na Série A2.

A FIFA⁴ divulgou um estudo global, em 2019, sobre as condições das jogadoras em nível mundial. O Brasil tem 15 mil mulheres jogando futebol, dessas quase 12 mil são amadoras e cerca de 3.500 são registradas profissionalmente.

O site da FIFA⁵ divulgou os números de audiência da Copa do Mundo, que aconteceu na França nos meses de junho e julho de 2019. No Brasil, o jogo da final entre Estados Unidos e Holanda foi visto por 19.935 milhões de pessoas nas tevês abertas – TV Globo, Bandeirantes –, e SporTV, da televisão fechada.

Considerando esta evolução do futebol feminino nos últimos anos, este trabalho pretende colaborar para aprofundar o conhecimento da participação das mulheres no esporte, especificamente no Paraná. Por ser um produto jornalístico,

² <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26960/28738>

³ <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26958/28736>

⁴ <https://resources.fifa.com/image/upload/fifa-women-s-survey-report-confederations-global-mas.pdf?cloudid=nq3ensohyxpuxovcovj0>

⁵ <https://www.fifa.com/womensworldcup/news/france-2019-final-sets-viewing-records-in-participating-and-neutral-territories>

um livro-reportagem, atuará na produção de informação e servirá como um auxiliar para colocar o futebol feminino entre os temas do jornalismo esportivo publicados nos veículos.

Mesmo com esse crescimento do futebol feminino nos últimos anos, durante a análise de publicações relacionadas ao assunto foi constatado que existem poucos materiais já divulgados sobre o futebol feminino na imprensa e em editoras tanto em Curitiba quanto no Brasil. A maior parte da produção se refere ao futebol masculino, ainda assim, a maioria dos livros disponíveis sobre o tema são estrangeiros e traduzidos para o português.

Referente às produções de livros, foi encontrado o livro-reportagem *Meninas, o sonho da bola*, escrito pelo jornalista Carlos Petrocilo e o fotojornalista Guilherme Baffi, de São José do Rio Preto. A produção é um relato da vida das mulheres no futebol na cidade de paulista. O ex-treinador da Seleção Brasileira Feminina, Renê Simões, conta a trajetória e os bastidores da conquista da medalha de prata em Atenas no livro *O dia em que mulheres viraram a cabeça dos homens*, publicado em 2007.

Entre livros-reportagem sobre futebol feminino já publicados estão algumas produções acadêmicas. Em 2017, a estudante de jornalismo Karine Nascimento, da Universidade Federal do Ceará, contou uma parte da história do futebol feminino no Estado do Ceará em *A verdadeira regra do impedimento: a história do futebol feminino cearense*, a produção foi parte do seu Trabalho de Conclusão de Curso. A dissertação de mestrado da mestre em História Social da Universidade de São Paulo, Giovana Capucim e Silva, virou o livro *Mulheres impedidas: A proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo*, no qual tenta compreender o que aconteceu com a modalidade durante a época de proibição. Cecília Almeida Rodrigues Lima e Soraya Barreto Januário, professoras da Universidade Federal de Pernambuco, organizaram 11 artigos, escritos por 17 mulheres, em um livro intitulado *Elas e o Futebol*, para propor um debate sobre as conquistas e rupturas das mulheres no futebol.

Em outras produções referentes a futebol foram encontrados alguns livros publicados sobre a modalidade masculina, sendo mais presentes e também mais

divulgados. Vários livros estrangeiros também fazem parte da literatura futebolística brasileira. Um dos primeiros livro-reportagens publicados com foco no futebol foi *Futebol Contra o Inimigo*, que o britânico Simon Kuper publicou no ano de 1994, com histórias do esporte e a relação com a política.

No Brasil, o jornalista Mário Filho escreveu *O Negro no Futebol Brasileiro*, clássico da literatura brasileira, publicado em 1947, e explica o processo de introdução de jogadores negros no esporte, que originalmente eram majoritariamente brancos, em especial nos clubes do Rio de Janeiro. Em 2014, a jornalista Clara Albuquerque lançou o livro *Os Sem Copa*, com histórias de jogadores que não foram convocados para a Seleção Brasileira.

As produções de reportagens no Brasil aumentaram com a Copa do Mundo Feminino na França, porém em Curitiba a maior parte das discussões na mídia são em datas comemorativas ou quando algum time está se destacando no Campeonato Paranaense. Com isso foi constatado que não existe nenhum material publicado no formato livro-reportagem com relação ao futebol feminino paranaense.

Levando em conta a falta de material sobre o assunto, este livro-reportagem buscou contar a história da participação de três times de Curitiba - União Ahú, Novo Mundo e Imperial - no Campeonato Paranaense Feminino, entre os anos de 1995 a 2019, pelos olhos das jogadoras, de integrantes das comissões técnicas e de dirigentes que atuaram nesse estadual. A ideia foi relatar as dificuldades por que passaram as jogadoras e ainda passam; os pontos positivos da prática do futebol; as competições que disputam; a não-profissionalização do esporte; e as expectativas para o futuro da modalidade e da competição.

Por isso o objetivo deste trabalho foi relatar o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil, por meio de um recorte, ou seja, da história do Campeonato Paranaense Feminino (1995-2019) em um livro-reportagem. Para alcançar esse objetivo foi preciso especificamente pesquisar a história do futebol brasileiro e do paranaense feminino por meio de documentação e produção bibliográfica acadêmica; coletar informações por meio de entrevistas com as participantes e demais colaboradores; analisar a situação do futebol feminino paranaense por meio das informações obtidas e das entrevistas; e, no final, produzir uma narrativa

jornalística por meio do gênero reportagem sobre o estadual, para divulgação da modalidade e colaborar com o aumento da visibilidade do futebol feminino.

2 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho foram utilizados dois tipos de pesquisa: a bibliográfica e a documental. Dentro da produção também foi empregada a observação direta intensiva na forma de entrevista. As técnicas bibliográfica e documental estão classificadas por Lakatos e Marconi (1991) dentro da documentação indireta. As outras formas propostas pelos autores são: observação direta intensiva e observação direta extensiva.

Para Gil (2009) a pesquisa bibliográfica é “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2009, p. 44) Lakatos e Marconi (1991) também incluem neste tipo de pesquisa “[...] publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, etc.”

Nesta pesquisa as fontes bibliográficas utilizadas foram livros sobre a história do futebol, artigos que tratam das mulheres no esporte, publicações em revistas sobre futebol, entre outros.

A outra pesquisa que foi realizada é a documental, que

assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos de pesquisa. (GIL, 2009, p. 45)

Outra semelhança entre ambas são os passos na pesquisa, porém a diferença encontra-se em “[...] enquanto na pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas sobretudo por material impresso localizado nas bibliotecas, na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas.” (GIL, 2009, p.46)

Gil (2009) considera que às vezes é difícil distinguir a pesquisa bibliográfica e a documental, “[...] as fontes bibliográficas nada mais são do que documentos

impressos para determinado público. Além do mais, boa parte das fontes usualmente consultadas nas pesquisas documentais, tais como jornais, boletins e folhetos, podem ser tratados como fontes bibliográficas.” (GIL, 2009, p. 46)

A pesquisa documental nada mais é do que materiais dispersos e diversificados. Gil (2009) classifica esses tipos de fontes em dois: os documentos de primeira mão e os de segunda mão. O primeiro são aqueles que

[...] não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos, etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins, etc.” (GIL, 2009, 46)

Já os de segunda mão já foram previamente analisados e são “relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas, etc.” (GIL, 2009, p.46)

Esta metodologia, em especial a de primeira mão, foi utilizada na coleta de informações sobre o histórico dos times, tanto em jornais, portais de notícias e redes sociais, quanto em materiais guardados pelas próprias jogadoras. Uma das principais fontes que foram consultadas foi o acervo de jornais na Biblioteca Pública do Paraná, principalmente do jornal Tribuna do Paraná. A pesquisa foi feita por meio de microfilmes e jornais físicos. Jornais como O Globo, que relataram o início da popularização do futebol feminino, também foram utilizados, além de publicações do Diário Oficial da União sobre a proibição da prática esportiva pelas mulheres.

Por ser um trabalho com recorte de tempo recente - a partir de 1995 - foi realizada pesquisa na internet, em especial em sites como Tribuna do Paraná, Gazeta do Povo e Do Rico ao Pobre, que fizeram relatos e outras reportagens durante as competições.

Dentro da classificação de Lakatos e Marconi (1991), a entrevista faz parte da observação direta intensiva e é “[...] uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária.” A entrevista em profundidade “explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada.” (DUARTE, 2009, p. 62)

Para Duarte (2009) este tipo de entrevista é

útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. É uma pseudoconversa realizada a partir de um quadro conceitual previamente caracterizado, que guarda similaridade, mas também diferenças, com a entrevista jornalística. (DUARTE, 2009, p. 64)

Duarte (2009) classifica as entrevistas em três tipos: entrevista aberta, que é mais flexível, com um assunto de ponto de partida e sem perguntas predeterminadas, fluindo conforme o rumo da entrevista; entrevista semiaberta, que possui um roteiro com questões, porém adaptáveis e com possibilidade de amplitude; e entrevista fechada, “realizada a partir de questionários estruturados, com perguntas iguais para todos os entrevistados, de modo que seja possível estabelecer uniformidade e comparação entre respostas.” Para a realização deste trabalho será feita a entrevista semiaberta com jogadoras que participaram e participam com os times de Curitiba no Campeonato Paranaense Feminino. Foram selecionadas sete jogadoras: Joice Luz e Ângela da Silva, do União Ahú; Dayane Rocha, Marina Aggio e Thais Andrade, do Novo Mundo; e Luciane da Silva e Dayanne Vieira, do Imperial. Além delas, os treinadores Diego Borges e Rosângela Bortolaz, do Imperial, e a ex-atleta e especialista em futebol feminino em Curitiba, Noeli Reis. O jornalista Rafael Buiar, do portal de notícias Do Rico Ao Pobre também contribuiu.

As entrevistas aconteceram nos meses de julho e agosto. As conversas com Dayane Rocha, Thais Andrade, Rafael Buiar, Noeli Reis, Diego Borges e Rosângela Bortolaz foram feitas no mês de julho. Luciane da Silva, Dayanne Vieira, Joice Luz, Angela da Silva e Marina Aggio foram ouvidas em agosto.

3.1 METODOLOGIA JORNALÍSTICA

Para a realização do livro-reportagem foram utilizadas técnicas jornalísticas de apuração. A primeira a ser desenvolvida, para definição do tema da pesquisa, foi a pauta. Para Nilson Lage (2001), o repórter não deve seguir a risca o roteiro e “como qualquer projeto de pesquisa, envolve imaginação” (LAGE, 2001, p. 15). A pauta final foi organizada depois das pesquisas documentais e bibliográficas, de onde foram extraídos os dados para realização da edição do livro.

As fontes utilizadas entram na definição de Lage (2001), que aponta que “poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta. A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público” (LAGE, 2001, p. 21).

Segundo Lage (2001), há três formas de classificar as fontes. A primeira as divide em *oficiais*, *oficiosas* e *independentes*. As fontes oficiais são “instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc.” (LAGE, 2001, p. 27) As fontes oficiosas são ligadas a uma entidade, porém não “estão autorizadas a falar em nome dela ou dele.” (LAGE, 2001, p. 28) E as fontes independentes não estão ligadas a relações de poder ou interesse. Para esse trabalho a fonte oficial foi a Federação Paranaense de Futebol, instituição que organiza o Campeonato Paranaense.

A segunda forma de classificar as fontes é a que as separa em *primárias* e *secundárias*. As primárias “são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números” (LAGE, 2001, p. 29). E as secundárias “são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais” (LAGE, 2001, p. 29). Neste trabalho, foram utilizados como fontes primárias para as primeiras apurações os registros da Federação, dos jornais e relatos das jogadoras. Como fontes secundárias foram utilizados jornalistas que cobriram o campeonato.

A terceira classificação as divide em *testemunhas* e *experts*. O autor define o primeiro tipo como “normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva” (LAGE, 2001, p. 29) e o segundo como aqueles em “quem se procuram em busca de versões ou interpretações de eventos.” (LAGE, 2001, p. 29)

O procedimento clássico para apuração, de acordo com Lage (2001), é a entrevista. O autor a define como “a) qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo; b) uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público; c) a matéria publicada com as informações colhidas em b).” (LAGE, 2001, p. 32)

Porém, para a realização deste trabalho, além das entrevistas, foi também utilizada a pesquisa. Lage (2001) levanta a questão de que “a imagem corriqueira do repórter é a de alguém depende de fontes e sem acesso às fontes das fontes - isto é, aos documentos primários de que se origina a informações levada a público” (LAGE, 2001, p. 59) Para isso a checagem das informações obtidas pelas entrevistas foi feita nos jornais que registram os fatos do campeonato.

3 O FUTEBOL

Quando se trata da história do futebol, o crédito para a chegada do esporte no Brasil é de Charles Miller, no ano de 1894. Os homens que começaram a praticar o esporte nas terras brasileiras trabalhavam na São Paulo Railway Company e fizeram o primeiro jogo oficial um ano depois, com 60 torcedores presentes. (CALDAS, 1994).

Antes mesmo de Miller retornar ao Brasil com o esporte conhecido na Inglaterra, Franco Júnior (2007) conta que jesuítas já estavam praticando o *ballon anglais*, entre os anos de 1880 e 1890. Jovens da elite disputavam, em 1864 no Colégio São Luís, de Itu, o “bate balão”, um jogo parecido com o dos ingleses, com onze jogadores para cada time, traves e uniforme. “Há ainda notícias de marinheiros ingleses que jogaram em praias brasileiras em seus dias de folga e até mesmo o registro de uma partida realizada em 1878.” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 62).

A conclusão de Franco Júnior (2007) é que não se pode estabelecer uma data precisa e uma paternidade, pois “[...] não esclarece as relações entre o futebol e a sociedade brasileira. Pelo contrário, suas significações mais profundas residem no processo de apropriação pelos diversos setores sociais que os transformaram num fenômeno de massas” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 62).

Caldas (1994) discute o assunto da elitização do futebol e *status* ao ponto de que “os próprios pais faziam um tipo de pressão para que os colégios incluíssem o futebol nas práticas esportivas”. A Associação Atlética Ponte Preta, o primeiro time de futebol no Brasil, foi fundado em 1903, de acordo com registros da Confederação Brasileira de Futebol - CBF, por aristocratas do café.

Mas o futebol foi difundido em dois caminhos. Um deles é pela elite, através dos ingleses, e outro através de “os trabalhadores das estradas de ferro, que deram origem aos times das várzeas”. (SEVCENKO, 1994, p. 36)

Na expansão para as massas, segundo Franco Júnior (2007),

as fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo com a formação de times improvisados pelos setores populares, que passavam de curiosidade ao mimetismo. [...] Em pouco tempo, uma série de equipes e clubes foi constituída por iniciativa de pequenos comerciantes, operários e artesãos da grande cidade. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 63-64)

Esta popularização do futebol, para Sevcenko (1994) se deve ao fato de que as pessoas não tinham raízes, pois cada um vinha de uma parte do território e foi o esporte foi que criou “novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases emocionais de coesão que substituísem as comunidades e laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar.” (SEVCENKO, 1994, p. 35)

Na segunda metade dos anos 1920 o esporte ainda era amador. Os dois estados mais fortes na prática do futebol, São Paulo e Rio de Janeiro, tinham impasses com alguns clubes, que, apesar de já populares, boicotavam qualquer medida de profissionalização, já que a maioria dos jogadores - e também o público - fazia parte das classes abastadas. A elite não desejava a profissionalização, mesmo que a maior parte da imprensa demonstrava-se ser a favor. Alguns jogadores recebiam um tipo de remuneração, caracterizando, assim, um futebol semiprofissional. (CALDAS, 1994, p.44)

O presidente Getúlio Vargas, que tomou posse no ano de 1930, regulamentou as leis para os trabalhadores. “Em 1931, o governo Vargas incluía o jogador de futebol entre as profissões que deveriam ser regulamentadas pela legislação trabalhista.” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.76) Porém isso não garantiu uma imediata profissionalização, estando abertas, ainda, negociações dentro dos clubes. Caldas (1994) discorre que

Assim é que, dois anos depois, em 23 de janeiro de 1933, estaria definitivamente implantado o futebol profissional no Brasil, em que pese o comportamento amador de muitos dirigentes até hoje. Destaca-se, aqui, um aspecto significativo: reitera-se com a profissionalização nos anos 30 o caráter de união e de identidade nacional através do futebol que, a essa altura, já estava definitivamente incorporado à cultura brasileira (CALDAS, 1994, p. 45)

3.1 A ORIGEM DO FUTEBOL FEMININO E A PROIBIÇÃO

Assim como a prática esportiva era importante para o homem moderno pós Revolução Científico-Tecnológica, as mulheres também foram impactadas com as mudanças na rotina de vida da população. As primeiras iniciativas datam da segunda metade do século XIX, pois “até aquele momento, a estrutura extremamente conservadora da sociedade brasileira não lhes permitia grande projeção, uma vez que eram criadas pelos pais para serem futuras esposas e mães” (GOELLNER, 1998, p. 51). Porém, foi a partir do século XX que as mulheres começaram a conquistar mais espaço em um campo considerado masculino. A participação de atletas do sexo feminino foi permitida apenas na segunda edição dos Jogos Olímpicos Modernos e “que, apesar de não ter se consolidado de forma tranquila, muito menos fácil, possibilitou certa visibilidade à imagem da mulher atleta.” (GOELLNER, 2005, p. 144)

Segundo Goellner (1998), os primeiros esportes que receberam mulheres foram o turfe, ciclismo, atletismo e esportes aquáticos. Porém, “não eram quaisquer atividades aquelas que lhes eram recomendadas e o futebol, designado com muito violento para a conformação corporal feminina, caracterizava-se como uma delas.” (GOELLNER, 2005, p. 145).

A imprensa também foi voltando suas atenções aos esportes femininos. O jornal O Globo realizava cobertura de eventos esportivos e espetáculos circenses e teatrais durante as décadas de 1920 e 1930. Em uma matéria intitulada *Reparo do dia*, da edição de 22 de agosto de 1929, reporta a organização de um torneio de “volley-ball” pela revista Tricolor, como modo de “reparar” uma partida de “football feminino” que havia sido realizada. “O ‘Reparo’ quando em má hora, se tentou estabelecer entre nós o espetáculo deprimente do football feminino, saiu a arena e lhe deu combate decisivo, que, felizmente, surtiu os melhores efeitos” (O GLOBO, 1929, p. 7).

A mesma matéria reforça a discussão de Goellner (1998) sobre os esportes considerados femininos, quando trata de outras práticas, como o voleibol e o tênis, as competições adequadas para as mulheres.

Nessa ocasião, entretanto, teve ensejo de dizer da necessidade da educação physica da mulher e citou mesmo, como vantajosos, para esse fim, o lawn-tennis e o volleyball, sports moderados, cuja prática não as exporta ao ridículo e, ao contrário, lhes seria absolutamente adequada, pois, jogando as equipes em completa separação, em contactos nem choques de corpos, com vestimentas que não attentam contra o decoro e a delicadeza do sexo, estariam nas condições de preencher os fins collimados. (O GLOBO, 1929, p. 7)

Já na edição de 26 de novembro de 1930 o jornal divulgou um novo programa do Circo Queirolo: um jogo entre Brasil e Uruguai que foi “o primeiro match do campeonato de football feminino, por dez senhoritas ágeis e hábeis”. (O GLOBO, 1930, p.5) O espetáculo também contou com outros jogos, como Brasil e Argentina, além de campeonato local.

No ano de 1941, a edição do dia 16 de janeiro reporta um jogo de futebol feminino que aconteceria na Argentina, com o título *Vae se consummar o ridiculo?*.

Os circulos sportivos desta capital estão em negociações para a realização de um encontro de football entre um combinado brasileiro formado por jogadores do sexo feminino e um outro argentino. O Club Independiente, que pretende promover esse encontro entre as mulheres footballistas da Argentina e do Brasil, acredita levar a cabo tal empresa no mais breve tempo possível. (O GLOBO, 1941, p. 8)

A proibição da prática de futebol pelas mulheres foi oficializada pelo Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, assinado pelo Presidente da República Getúlio Vargas, no Capítulo IX, Art. 54. “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.” (BRASIL, 1941)

No meio da proibição, o jornal O Globo noticiou, na edição de 24 de abril de 1959, protestos na cidade de Araguari, em Minas Gerais, contra o futebol feminino.

Apesar da expressa proibição do Conselho Nacional de Desportos, os jornais têm noticiado que o futebol feminino vem sendo difundido abertamente na cidade mineira de Araguari. Tal irregularidade, ainda que criticada e combatida, não encontrou, até agora, a devida reprimenda por parte das nossas autoridades desportivas, principalmente daquelas que se encontram ocupando postos no CND. (O GLOBO, 1959, p. 12)

O Museu do Futebol disponibiliza, em parceria com o Google, o Museu do Impedimento, que é um “projeto colaborativo que reuniu histórias e memórias compartilhadas pelo público sobre as mulheres do futebol que ousaram jogar durante o período de proibição da prática desse esporte no Brasil” (MUSEU DO

FUTEBOL, 2019) Na mostra *Mulheres, desobediência e resiliência* estão expostas fotos, recortes de jornais e informações que reúnem a batalha das atletas femininas para praticarem o esporte. (Anexo 1)

As mulheres só puderam voltar a praticar legalmente os esportes no ano de 1979, quando foi deliberado na Seção 1 do Diário Oficial da União no dia 31 de Dezembro: “Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidade e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive a competições”. (BRASIL, 1979)

3.2 O CAMPEONATO PARANAENSE FEMININO

A prática de futebol feminino em Curitiba tem registros a partir da década de 1980, quando as mulheres foram liberadas por lei para jogar futebol. O jornalista Leônidas Dias organizava um torneio para as mulheres e divulgava no jornal *Diário Popular*. (Anexo 2) O jornal *Tribuna do Paraná* também realizava campeonatos amadores de futebol feminino, como o Peladão/Tribuna. (Anexo 3).

O primeiro Campeonato Estadual, organizado pela Federação Paranaense, aconteceu em 1995. No jornal *Tribuna do Paraná*, o jornalista Levi Mulford divulgou uma matéria do início da competição com o título *Futebol feminino é destaque*.

A Federação Paranaense de Futebol promoveu o primeiro campeonato de Futebol Feminino de Campo e o primeiro Campeonato Estadual. [...] No Campeonato Estadual, chamado Taça Paraná de Futebol Feminino, inscreveram-se vinte e duas equipes de todo o Estado. (MULFORD, 1995, p. 5)

A decisão do título de 1995 foi entre União Ahú e Cianorte, com a conquista do time de Curitiba em vitórias por 10x0 e 3x0. (MULFORD, 1995)

A segunda edição, em 1996, teve a reedição da primeira final e, novamente, o União Ahú saiu vitorioso. (MULFORD, 1996) (Anexo 4). Presente na final também em 1997, naquela oportunidade a equipe de Curitiba ficou com o vice-campeonato e pela primeira vez um time do interior conquistou o título.

Ontem pela manhã [...] foi decidido o título do Campeonato Estadual de Futebol Feminino (Taça Paraná da categoria) onde estiveram em ação as equipes do União Ahú (local) e Floresta Clube de Foz do Iguaçu. [...] O Floresta fez a festa levando para a sua cidade o troféu. (MULFORD, 1997)

No ano seguinte, o União Ahú voltou a ser campeão, em uma reedição do campeonato anterior, contra o Floresta. O campeão saiu em disputa de pênaltis, vencida pelo time curitibano. (MULFORD, 1998) (Anexo 5)

O último título conquistado pelo União Ahú foi em 1999. Na edição de 5 de abril daquele ano, a Tribuna do Paraná noticiou que a equipe, apesar de não disputar outros torneios da cidade, iria manter o time feminino, comandado por Loir Vaz. (Anexo 6) No final do ano, as jogadoras não precisaram entrar em campo para disputar a final contra o PSTC, de Londrina, já que as adversárias não apareceram para a partida. Juventus de Foz, Maringá e São Paulo foram as outras equipes no estadual. (MULFORD, 1999)

O primeiro ano que o União Ahú não chegou à decisão foi em 2000. A equipe do São Paulo, de Curitiba, e Grêmio Maringá, fizeram a final, que é lembrada em uma matéria da Revista Série Z, publicada na edição de fevereiro e março de 2016.⁶ O título retornou para Foz do Iguaçu na temporada seguinte, em 2001, o Gresfi (Grêmio Esportivo e Social de Foz do Iguaçu) venceu o São Paulo na final.⁷

A Era Novo Mundo iniciou em 2002. O novo time de Curitiba venceu o campeão da edição anterior, o Gresfi. Na edição do dia 9 de dezembro, o jornalista Jorge Luiz da Silva, da Tribuna do Paraná, noticiou que a equipe de Foz era tida como a favorita para ganhar o título. “Uma matéria inserida em rede de tevê paranaense, apontando o time das Cataratas como campeão antecipado, gerou revolta generalizada entre as novomundistas e que por essa razão encontraram forças fora do comum para encarar a decisão” (SILVA, 2002)

O bicampeonato do Novo Mundo foi logo na temporada seguinte, contra o time do Colombo. A primeira partida da decisão foi disputada como preliminar de um clássico Athletiba, no Estádio Pinheirão. “[...] O Novo Mundo jogava pelo empate, pois ganhou na ida, quarta-feira, no Pinheirão, por 4x3, jogo preliminar do Athletiba decisivo da Copa Sesquicentenário” (SILVA, 2003). Nas semifinais daquele ano chegaram também o time do Gresfi, que foi derrotado pelo Colombo, e o Vila Fanny.

⁶ <https://revistaseriez.org/2016/02/15/revistaseriez2/>

⁷ <https://historiadofutebol.com/blog/?p=1038>

Em 2004 os times que entraram na disputa foram Colombo, São Paulo, Maringá, Vila Fanny, Novo Mundo e São José. A final, entre Novo Mundo e São José, no Estádio do Vila Fanny, foi marcada por virada. A Tribuna do Paraná publicou uma matéria intitulada “Tricampeão feminino, COM SHOW” no dia 24 de dezembro. “Com cinco gols de Dayane, o Novo Mundo se sagrou tricampeão do Estado com estupenda vitória de 5x4 sobre o forte São José, que acabou o 1º tempo vencendo por 2x0.” (SILVA, 2004)

Nas temporadas de 2005, 2006 e 2007 as equipes do São José e Jarobá, de São José dos Pinhais, dominaram o Paranaense Feminino. Em 2005, o Novo Mundo chegou à final, mas perdeu para o São José. Em 2006, com o campeonato equilibrado e oito times na disputa (São José, Vila Hauer, Novo Mundo, Jaborá, Vila Fanny, Galo Maringá, Colombo e São Paulo), o São José foi bicampeão em cima do Vila Hauer. (SILVA, 2005)

Em 2007, a competição foi disputada apenas por times de Curitiba e Região Metropolitana (Jaborá, Novo Mundo, São José, Vila Fanny e São Paulo) e a final envolvendo os dois times de São José dos Pinhais, Jaborá e São José, terminou com o São José vencendo no campo e o Jaborá ganhando nos tribunais pelo “Caso Luciane”. A polêmica foi noticiada por Jorge Luiz da Silva logo após o tricampeonato do São José

O Jaborá, que perdeu a decisão dentro de campo, não reconhece o título do São José, entrando com recurso no TJD da FPF, pedindo que o adversário seja punido com a perda do título em seu favor, por ter incluído a atleta Luciane, irregular sob sua ótica, com três cartões amarelos (SILVA, 2007)

Na decisão do tribunal, o São José perdeu os seis pontos por escalar a atleta irregular. (Anexo 7)

Em 2008, o Novo Mundo voltou a conquistar o título, o quarto na história e também o que viria a ser o último. Na temporada 2009, a FPF publicou apenas um edital de convocação⁸ para arbitral do estadual feminino, que não aconteceu naquela temporada.

⁸ <http://www.federacaoopr.com.br/Paginas/Noticias/Exibir.aspx?id=5044>

Em 2010 e 2011, o recém criado Foz Cataratas bateu o Novo Mundo e conquistou o título nas duas temporadas.⁹ O último ano que o Novo Mundo disputou a competição foi em 2012 e ficou com o vice campeonato. A final foi disputada contra o Foz Cataratas e o time da capital perdeu pelo placar de 7x0. (FEDERAÇÃO PARANAENSE DE FUTEBOL, 2012)¹⁰

A edição de 2013 não teve times de Curitiba e marcou o bicampeonato da equipe do Foz Cataratas. Colombo, Foz do Iguaçu e Assaí foram os outros times que disputaram o estadual. (FEDERAÇÃO PARANAENSE DE FUTEBOL, 2013)¹¹ Em 2014, novamente sem times de Curitiba, o Foz Cataratas conquistou o título. Assaí e Barec, de Londrina, foram os outros times que participaram. (FEDERAÇÃO PARANAENSE DE FUTEBOL, 2014)¹²

No ano de 2015, a FPF, depois de remarcar o arbitral por duas oportunidades, determinou o cancelamento do Estadual por “não haver número mínimo de Entidades inscritas”. (FEDERAÇÃO PARANAENSE DE FUTEBOL, 2015)¹³

O Paranaense voltou a acontecer em 2017 com apenas três times: Imperial, de Curitiba, Foz Cataratas e Toledo. A competição deu vaga para o Brasileiro Série A2 e foi conquistado pelo Foz Cataratas, com o Toledo em segundo e o Imperial em terceiro. (FEDERAÇÃO PARANAENSE DE FUTEBOL, 2017)¹⁴

A edição de 2018 ganhou um clube a mais: o Grecal. Assim como na temporada anterior, o Foz Cataratas ganhou o título antecipadamente, incluindo goleadas por 10x0 e 14x0 em cima do novato na competição. O Toledo novamente ficou com a segunda posição e o Imperial com a terceira. O Grecal foi punido com perda de pontos por não registrar as atletas no Boletim Informativo Diário (BID) antes da primeira rodada. (FEDERAÇÃO PARANAENSE DE FUTEBOL, 2018)¹⁵

⁹ <https://www.fozcataratasfc.com.br/foz-cataratas-futebol-club>e

¹⁰ <http://www.federacaopr.com.br/Paginas/Noticias/Exibir.aspx?id=1695>

¹¹ <http://www.federacaopr.com.br/Paginas/Noticias/Exibir.aspx?id=3295>

¹² <http://www.federacaopr.com.br/Paginas/Noticias/Exibir.aspx?id=7530>

¹³ <http://www.federacaopr.com.br/Paginas/Noticias/Exibir.aspx?id=9806>

¹⁴ http://www.federacaopr.com.br/Paginas/Competicoes/Competicao.aspx?competicao_id=181

¹⁵ http://www.federacaopr.com.br/Paginas/Competicoes/Competicao.aspx?competicao_id=209

4. JORNALISMO ESPORTIVO

O jornalismo esportivo já está consolidado nas redações, principalmente com o futebol, mas não foi sempre assim. De acordo com Coelho (2015), a cobertura esportiva sofreu preconceitos dentro das redações no final do século XIX e início do XX, “pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal” (COELHO, 2015, p. 7). Erbolato (1981) expõe que nas primeiras décadas do século XX as notícias eram apenas o acontecimento do jogo e os resultados “tudo no máximo de dez ou vinte linhas para cada competição” (ERBOLATO, 1981, p. 14)

Os jornais davam o espaço que podiam, “mais por questão de espaço do que por falta de interesse.” (COELHO, 2015, p. 12) Com a popularização do futebol isso foi mudando.

Com o tempo, o jornalismo esportivo, que não compreende apenas o futebol, se desenvolveu e ganhou cadernos e revistas exclusivos, como o jornal *Fanfulla*, em São Paulo, que na década de 1910 dedicou diversas páginas ao esporte. (COELHO, 2015, p. 8). Coelho (2015) considera o *Jornal dos Sports*, criado em 1931 pelo jornalista Mário Filho, no Rio de Janeiro, como o primeiro jornal dedicado a esportes no Brasil, apesar de *A Gazeta Esportiva* ter sido lançada em 1928, mas como um suplemento do jornal *A Gazeta*. Outro exemplo do autor é a Revista do Esporte, que circulou entre o final da década de 1950 e o início de 1960. (p. 9-10)

O jornalismo passou a ter um papel menos de informação e mais de análise. Histórias surgiam de diversos jogos, por isso “[...] importava menos a informação precisa. Os cronistas cuidavam mais do personagem e suas histórias, eventualmente romanceando-as” (COELHO, 2015, p. 17), exemplo disso são as crônicas de Nelson Rodrigues.

O autor segue com a apresentação da importância do jornalismo expondo o fato de que as “crônicas motivavam o torcedor a ir ao estádio para o dia seguinte e, especialmente, a ver seu ídolo em campo. A dramaticidade servia para aumentar a idolatria em relação a este ou àquele jogador” (COELHO, 2015, p. 17-18).

Este jornalismo esportivo romanceado passou a diminuir nos anos 1970, com o estilo de escrita do *Jornal da Tarde*, de São Paulo, que, para Coelho (2015) era “desprovida de paixão” (p. 19). Com isso jogadores que antes eram tratados como ídolos passaram a entrar também da área de atletas comuns.

Para Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2015), foi a partir da década de 1990 que os jornalistas passaram a ter dúvidas se o esporte fazia parte da redação jornalística ou era uma editoria à parte. Os autores debatem o fato da influência do veículo na cobertura esportiva: “Se o tom da redação é ser mais humanista, pode ocorrer de o repórter tomar participação na vida de um clube, de um atleta deixar o distanciamento profissional comprometido” (BARBEIRO E RANGEL, 2015, p. 55). Mas hoje em dia esta linguagem já está definida em cada veículo.

As formas de fazer jornalismo esportivo durante a história são criticadas por Coelho (2015).

O problema, evidentemente, é que o que é verdade, o que é opinião e o que é lenda se misturam e nem todo mundo é capaz de diferenciar o que é jornalismo e o que não é. Mas a maneira como os principais jornalistas esportivos de cada tempo se referem aos jogadores de cada época produz distorções difíceis de corrigir (COELHO, 2015, p. 19)

Em relação ao jornalismo esportivo atual, o autor compara outras coberturas jornalísticas. “A noção de realidade que o jornalismo esportivo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo.” (COELHO, 2015, p. 22)

5 REPORTAGEM

A reportagem é definida por Nilson Lage (2001) como “a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente” (LAGE, 2001, p. 50). Outra definição é a de Thais de Mendonça Jorge (2015) que classifica a reportagem como um “[...] relato de uma ocorrência de interesse coletivo, testemunhada ou colhida na fonte por um jornalista ou um corpo de profissionais do jornalismo; é oferecida ao público segundo forma especial, por meio dos veículos jornalísticos” (JORGE, 2015, p. 70).

Para Jorge (2015) o ponto de partida para a reportagem é a notícia, por isso também faz parte também do gênero noticioso. Já Lage (2004) ainda coloca na discussão que a reportagem é um gênero com maior nível de planejamento de pauta do que uma notícia. Para o autor, na reportagem

Os assuntos estão sempre disponíveis [...] e podem ou não ser atualizados por um acontecimento [...] O estilo da reportagem é menos rígido: varia com o veículo, o público e assunto. Podem-se dispor as informações por ordem decrescente de importância, mas também narrar a história, como um conto ou fragmento de romance. (LAGE, 2004, p. 47)

Assim, dentro da ampliação, aprofundamento e maiores detalhes da notícia, é no livro-reportagem que o gênero pode ter outros desdobramentos. Para Edvaldo Pereira Lima (2009), o livro-reportagem “é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos.” (LIMA, 2009, p. 26)

5.1. LIVRO-REPORTAGEM

As mesmas técnicas de uma reportagem são aplicadas em um livro-reportagem. Eduardo Belo (2006, p. 41) também usa na definição o fator do tempo, classificando o formato como “um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico” que complementa os outros meios de comunicação. É no livro que se pode experimentar, explorar e aplicar todos os princípios do jornalismo, com conteúdo e dimensão diferentes do que é praticado nos demais meios:

Uma reportagem pode ser descritiva, e limitar-se a narrar os acontecimentos, ou pode ser analítica, quando, além de narrar, agrega informações paralelas e confere maior grau de contextualização da história. O livro também pode ser meramente narrativo, mas presta-se à informação contextualizada, enriquecida com dados e interpretações do autor ou de fontes de informação (BELO, 2006, p. 46)

Lima (2009, p. 27) caracteriza o livro-reportagem por três aspectos: quanto ao conteúdo, quanto ao tratamento; e quanto à função. O primeiro é com relação à abordagem, ou seja, o conteúdo publicado em um livro-reportagem “corresponde ao real, ao factual. A veracidade e a verossimilhança são fundamentais”.

O segundo compreende “[...] a linguagem, a montagem e a edição de texto [...]” (p. 27), o livro-reportagem apresenta todas as características de um texto jornalístico. Com relação à função, se diferencia em relação às várias finalidades deste tipo de publicação, que pode ser informar, orientar e explicar, ao mesmo

tempo que se pode trabalhar o texto de maneira mais aprofundada e horizontalizada. (LIMA, 2009, p. 28-29)

O autor também distingue o livro-reportagem das reportagens publicadas em periódicos pela universalidade, difusão coletiva, periodicidade e atualidade. Belo (2006) também cita a densidade, análise e conteúdo como a particularidade do livro-reportagem.

O livro-reportagem não tem uma data de nascimento, mas começou a ganhar força na Europa no século XIX. De acordo com Belo (2006), no Velho Continente, o modelo de jornalismo posto em prática já era menos factual, ao contrário do conhecido pelos brasileiros, que seguem o modelo estadunidense de pirâmide invertida e lead.

O jornalista americano John Reed é considerado por vários historiadores o precursor do livro-reportagem - entre as principais obras publicadas por ele estão *México rebelde!* (1914) e *Dez dias que abalaram o mundo* (1919) - contudo isso “não quer dizer que ele tenha sido o primeiro. Não faltam relatos de não-ficção anteriores a ele. Pelo menos um deles no Brasil, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Mas até então nada havia sido tão marcante.” (BELO, 2006, p. 22)

Na década de 1960 jovens escritores como Truman Capote, Tom Wolfe, Norman Mailer e Gay Talese produziram textos com “uma linguagem mais trabalhada do que preconizavam os primeiros manuais de redação” para criar uma nova forma de fazer jornalismo: o *new journalism*. (BELO, 2006, p. 25)

5.3 O NEW JOURNALISM

O jornalista Tom Wolfe (2005) não define um criador para a denominação *new journalism*, apenas relata que foi no final de 1966 que começaram a utilizar a expressão para indicar este jeito de fazer jornalismo.

Porém já no início da década de 1960 vários jornalistas, como Thomas B. Morgan, Brock Brower, Terry Southern, Gay Talese, o próprio Tom Wolfe e Truman Capote começaram a se envolver com esse tipo de publicação. Pena (2006) discute o fato desta vertente do jornalismo ter se popularizado no meio dos profissionais da imprensa.

O que vai proporcionar o advento do Novo Jornalismo contemporâneo na década de 1960, nos Estados Unidos, é a insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras de objetividade do texto jornalístico, expressas na famosa figura do *lead*, uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor. (PENA, 2006, p. 53)

Essas produções eram possíveis graças a um “profundo interesse que havia na sociedade pelas histórias humanas, contadas de forma saborosa e muitas vezes em séries de reportagens” (BELO, 2006, p. 25). Contudo, no início desses trabalhos, o formato exigia muito dos próprios jornalistas e esse

Tipo de reportagem que faziam parecia muito mais ambicioso também para eles. Era mais intenso, mais detalhado e sem dúvida mais exigente em termos de tempo do que qualquer coisa que repórteres de jornais ou revista, inclusive repórteres investigativos, estavam acostumados a fazer. (WOLFE, 2005, p. 37)

O expoente do *new journalism*, segundo Wolfe (2005), é o livro *A Sangue Frio*, de Truman Capote, que foi lançado em partes no *The New Yorker*, em 1965, e um ano depois transformado em livro. No início, Capote chamava sua produção de *romance de não ficção*, “porém, seu sucesso atribuiu uma força esmagadora àquilo que logo viria a ser chamado de Novo Jornalismo.” (WOLFE, 2005, p. 46)

No Brasil, o jornalismo literário começou com a revista *O Cruzeiro*, a partir de 1928, que é a referência desse tipo de jornalismo no país (BELO, p. 28). Nos anos 1940 surgiu a revista *Diretrizes*, fundada por Samuel Wainer, que apresentou “ao público ideias inovadoras e textos mais instigantes”. (p. 29) Já na década de 1960 nasceu a revista *Realidade*, onde “cada repórter podia abordar sua pauta pelo ângulo que escolhesse” (BELO, 2006 p. 29) Durante essa época os jornalistas utilizavam a reportagem participativa, uma das práticas do *New Journalism*, segundo a qual se “descrevia uma situação real pela qual havia passado” (BELO, 2006, p. 30)

Porém, para o autor, o jornalista brasileiro passou a se dedicar às reportagens em livros na década de 1980 por conta do momento político que o país vivia. (BELO, 2006, p. 32)

Os anos 1980 são recheados de relatos sobre os bastidores da política e a economia nacional - precisamente os setores da sociedade que mais mudaram. Parte desses relatos esteve contemplado pelas publicações periódicas, mas a necessidade de aprofundamento, as terríveis dimensões de eventos como a ditadura militar e a abertura política proporcionaram

espaço para a publicação de inúmeras reportagens em livro. (BELO, 2006, p. 32)

Um dos fatores que prejudicaram o mercado de produção de grandes reportagens foi a crise econômica no Brasil, com o Plano Real, em 1994, o mercado se recuperou, porém o jornalismo não:

Endividados, com uma série de investimentos no próprio produto e em outras áreas fora de seus núcleos de negócio, e vendo parte da receita publicitária escapar em direção às novas mídias, os veículos impressos enfrentaram uma crise sem precedentes desde a década de 1990, especialmente nos dez anos de 1995 a 2004. (BELO, 2006, p. 33)

Com a diminuição de publicidade, receita e, conseqüentemente a redução de profissionais trabalhando nas redações, os conteúdos publicados por jornais e revistas se tornaram mais rasos e com pouca profundidade. As produções mais aprofundadas acabaram indo para os livros e aumentando o mercado desse tipo de produção. (BELO, 2006, p. 35-36)

O autor defende a importância no investimento em livros-reportagens no Brasil. “Quem investe em livro-reportagem no Brasil o faz em nome de um jornalismo mais vibrante e ao mesmo tempo mais inspirado e criativo do que o praticado do dia-a-dia da redação” (BELO, 2006, p. 36)

A retomada do jornalismo literário presente na revista Realidade na década de 1960 foi em 2006 com a criação da revista *piauí*, “cujo perfil rompe com paradigmas arraigados há tempos na imprensa brasileira. Sem editorial e colunistas, a *piauí* dá lugar à poesia, à ficção, às grandes reportagens e ensaios fotográficos.” (ORSATTO, 2009)

5.2 OS GÊNEROS

Lima (2009) define os formatos e gêneros que podem estar presentes em uma produção de livro-reportagem, considerando o que está no mercado brasileiro atual. Para o autor a definição deve ser feita com uma pergunta: “o que quero realmente compreender desse assunto? Qual é a questão chave”? (p. 423) O objetivo é tornar clara qual é a meta da publicação.

O autor separa os gêneros em seis: reportagem temática, biografia, perfil, memória, ensaio pessoal e jornalismo literário de viagem.

A primeira narrativa é a reportagem temática que é próxima ao jornalismo convencional. “Seu propósito é discutir, com imersão, humanização, pesquisa e bom texto autoral, pelo menos, um tema candente ancorado numa questão específica” (LIMA, 2009, p. 424) Um exemplo é o livro *Presos que menstruam*, da jornalista Nana Queiroz, publicado em 2015.

A biografia tem como objetivo contar a vida de uma pessoa, como o livro *Alex, A biografia*, lançado em 2015 pelo jornalista e escritor Marcos Eduardo Neves. Uma vertente deste gênero é o perfil, como o livro *Abusado - O Dono Do Morro Dona Marta*, de Caco Barcellos, publicado em 2003, que retrata todos os lados de um personagem, seus pensamentos, motivações, personalidade, entre outros. Lima (2009) classifica um outro estilo de texto parecido com a biografia: o de memórias, um exemplo é *As Duas Guerras de Vlado Herzog*, de Audalio Dantas, lançado em 2012, que pode ser sobre uma parte específica da vida da pessoa ou sobre um episódio do qual ela participou. Também pode ser uma autobiografia (LIMA, 2009, p. 425-428).

Já o ensaio pessoal, como *A vida que ninguém vê*, publicado em 2006 pela jornalista Eliane Brum, é uma variação do ensaio tradicional e foca em uma reflexão com pontos de vista pessoais, tanto emocionais quanto intelectuais. (p. 431) A última categorização de Lima (2009) é o jornalismo literário de viagem, que “apresenta um grau de aproximação ao ensaio pessoal e aos textos de memórias” (LIMA, 2009, p. 432) mas tem como objetivo relatar uma viagem, com um tema e o autor como protagonista. Como exemplo pode ser usado *Dias de inferno na Síria*, de Klester Cavalcanti, lançado no ano de 2012.

Utilizando essa classificação, o livro-reportagem produzido entra na categoria de reportagem temática, por estar ligado com a história de três clubes no Campeonato Paranaense de Futebol Feminino, porém contado por quem fez parte deste capítulo da história.

6 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O livro-reportagem *O futebol feito por elas: uma história do Campeonato Paranaense Feminino* conta a história do Paranaense Feminino por meio de matérias publicadas em jornais e relatos de jogadoras que fizeram parte da

competição. O livro é dividido em apresentação, oito capítulos sobre a história do campeonato e relato das jogadoras, uma lista de todos os campeões, outra lista com as entrevistadas e os jornais utilizados na pesquisa e agradecimentos.

Os oito capítulos são: 1) Casa cheia, sobre a importância do Novo Mundo no cenário nacional; 2) O imbatível: sobre os primeiros anos do campeonato, entre 1995 e 2001, quando o União Ahú, Cianorte e Floresta de Foz do Iguaçu brigavam pelo título, até o desmonte do time feminino do União Ahú; 3) Anos de glória: sobre os anos de 2002 até 2013, quando Novo Mundo, São José e Jaborá, de São José dos Pinhais, e Foz Cataratas estavam em alta, até o fim do Novo Mundo; 4) A reconstrução: entre 2013 e 2019, sobre o domínio do Foz Cataratas, os anos sem disputa e a chegada do Imperial no campeonato; 5) Uma pedra na chuteira: sobre a rivalidade entre os times de Curitiba e Foz do Iguaçu; 6) Sair de casa?, sobre a dificuldade das jogadoras em decidir se ficam nos seus times, disputando o Paranaense ou aceitam as propostas de outros times; 7) Amador ou profissional?, sobre viagens, treinos, rivalidades e responsabilidades de um campeonato amador; e 8) Entre a crítica e a esperança, sobre o presente e o futuro do Campeonato Paranaense Feminino.

As jogadoras entrevistadas para a realização deste trabalho foram: Angela da Silva, do União Ahú; Noeli Reis, Joice Luz, Dayane Rocha e Thais Andrade, do União Ahú e Novo Mundo; Marina Aggio, do Novo Mundo; Dayanne Vieira, do Novo Mundo e Imperial; Luciane dos Santos, do Imperial; além da diretora de futebol e do treinador do Imperial, Rosângela Bortolaz e Diego Borges. O jornalista Marco Aurélio Chicória também foi entrevistado. Todas as entrevistas foram feitas pessoalmente.

Para apuração das datas, campeões e detalhes das edições do Campeonato Paranaense Feminino foram utilizados os jornais Tribuna do Paraná e Gazeta do Povo, o portal Do Rico ao Pobre, e os registros digitais e físicos, por intermédio da assessoria de imprensa, da Federação Paranaense de Futebol.

O tamanho do livro é 14x21, em brochura, com capa em papel *couché* 180 e acabamento fosco. O papel utilizado foi *couchê* 90, com impressão frente e verso.

A produção tem um total de 63 páginas. A diagramação e o projeto gráfico da capa foram feitos pela Imersa Digital, empresa de Design Gráfico.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi contar uma história do Campeonato Paranaense Feminino, desde o desenvolvimento do futebol feminino antes da competição iniciar, até a evolução dos times conforme as temporadas. Com a disputa da Copa do Mundo de Futebol Feminino, entre junho e julho de 2019, a mídia passou a dar mais atenção para a modalidade. Ao mesmo que o futebol feminino internacional passou a ser valorizado, também é necessário voltar o olhar para o futebol regional. O Estado do Paraná também contribuiu e contribui para a construção do futebol feminino nacional, em especial com a disputa de um estadual.

Por isso esse trabalho foca na valorização e retomada da história regional, que estava registrada espaçadamente em jornais e nas memórias das atletas que construíram o campeonato. A intenção é deixar em apenas um espaço uma parte do registro histórico do futebol feminino brasileiro.

As mulheres começaram a praticar um futebol competitivo tardiamente. Entre os anos de 1941 e 1979. Elas foram proibidas de praticar esportes coletivos por decreto-lei assinado pelo presidente Getúlio Vargas, que justificava a proibição por conta da natureza feminina.

No Paraná, os primeiros campeonatos foram organizados na década de 1980 e apenas na metade da década de 1990 que a Federação Paranaense criou um campeonato oficial, noventa anos depois do início do campeonato estadual masculino. A maior parte trabalhos publicados tanto jornalísticos quanto acadêmicos trata desse assunto da proibição e das dificuldades que as mulheres enfrentam na prática do futebol. O foco do livro foi trazer uma perspectiva diferente, com um olhar positivo no meio das dificuldades, lutas e obstáculos. As mulheres lutam diariamente por um espaço na sociedade e para quem vive de um futebol amador e ao mesmo tempo precisam estudar e trabalhar para sobreviver financeiramente, como essas que disputaram e disputam o estadual, é no esporte que encontram lazer e diversão.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto. RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL, Diário Oficial da União. Pg. 92, Seção 1, 31/12/1979. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/3438879/pg-92-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-31-12-1979>. Acesso em: 7. jul. 2019

BRASIL, Casa Civil. Decreto-lei 3199, 1941. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del3199.htm . Acesso em: 7. jul 2019

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**. n. 22, p. 41-49, 30 ago. 1994.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. 4. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antonio. DUARTE, Jorge (orgs.). **Métodos de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo especializado**: emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Atlas, 1981.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. As atividades corporais esportivas e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira do início deste século. **Movimento**. Ano V, nº 9, p. 47-57, 1998.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p. 143-51, abr./jun, 2005.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. A invenção do Fla-Flu: breves apontamentos. **Futebol pelo Brasil**. Ludopédio. 2017. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/invencao-fla-flu/>. Acesso em: 24. jun. 2019

JORGE, Thais de Mendonça. **Manual do Foca**: guia de sobrevivência para jornalistas. 2. ed, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

KAZ, Leonel; SILVA, Paulo Costa e. Dando tratos à bola: futebol e Brasil. **Revista USP**, nº 99, p. 67-78, set/out/nov 2013.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed, rev e ampl. São Paulo: Atlas, 1991

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4ª ed. Barueri: Manole, 2009

LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista USP**. São Paulo, v.22, p. 64-83, 1994

ORSATTO, Franciele. Relações entre a revista piauí e o jornalismo literário: uma reflexão. **Verso e Reverso**. Rio Grande do Sul, v. 23, n. 54, 2009. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/5773/3005>. Acesso em: 23. ago 2019

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SEVCENKO, N. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**, n. 22, p. 30-37, 30 ago. 1994.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ANEXO

ANEXO 1 - ACERVO DIGITAL DO MUSEU DO FUTEBOL

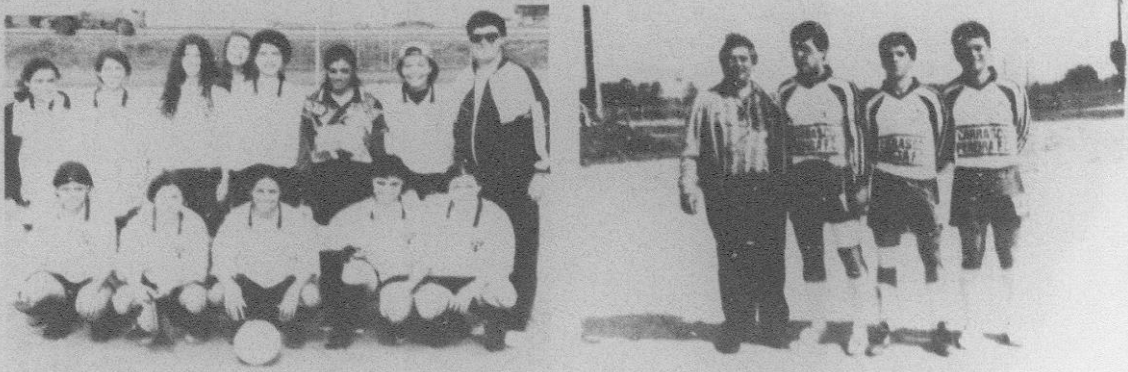


ANEXO 2 - REPORTAGEM DO JORNAL DIÁRIO POPULAR



ANEXO 3 - REPORTAGEM DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ

ponsável pelo Projeto Costa Oeste. tes carentes da região. Explica.



União Ahu participou com brilhantismo ano passado da categoria Feminina, colhendo grandes resultados.

Leonildo, Eloi, Ednilson e Emerson, da esquadra do Carrasco Pereira/Renove, um dos grandes times de Fazenda Rio Grande no "Peladão".

"Peladão/Tribuna"

As inscrições para o "Peladão/Tribuna" continuam abertas na loja Fedato Sports, na Rua Ébano Pereira, 28, bem no centro de Curitiba, ao lado do bondinho da Rua das Flores.

Nesse local, diariamente, no horário das 10 às 18h30, inclusive no horário de almoço, os representantes e responsáveis pelas equipes que queiram participar do "Peladão" poderão obter e retirar, gratuitamente, o regulamento oficial e a ficha de inscrição.

A taxa de inscrição é de apenas e tão-somente dez (10) reais por atleta, sendo que bolas, arbitragens, campos, súmulas, etc., será tudo fornecido e de responsabilidade da Comissão Organizadora, não cabendo, nesse sentido, nenhuma despesa às equipes.

Categorias que formam o nosso "Peladão/Tribuna": Mirim, para atletas nascidos a partir de 1.º de janeiro de 1987; Infantil, atletas nascidos a partir de 1.º de janeiro de 1981; as demais categorias ou séries: Feminina, Universitária/Vestibulandos, Veteranos, de Funcionários Públicos, Indústria/Comércio e de Clubes Avulsos (Livre).

Nesta semana a retirada de regulamentos e fichas de inscrição (gratuita) poderá ser feita até amanhã. Na quinta e sexta-feiras, e no sábado, na Rua Carlos de Carvalho 2.419, Bigorilho.

A partir da próxima segunda-feira, dia 5, regulamentos e fichas de inscrição poderão, novamente, ser retirados na loja Fedato Sports, da Rua Ébano Pereira, 28.

Dessa forma ficamos entendidos: regulamentos e fichas de inscrição – hoje e amanhã na loja Fedato Sports, Rua Ébano Pereira 29, no horário das 10 às 18h30; na quinta e sexta-feiras e no sábado – na Rua Carlos de Carvalho 2419, Bigorilho, dentro do expediente comercial; e a partir do dia 5 (segunda-feira), e até o encerramento nas inscrições, novamente na loja Fedato Sports, Ébano Pereira 28.

Outras informações podem ser solicitadas e obtidas pelos telefones (041) 322-3929 (ramal 12, das 10 às 18h30); (041) 242-4485 e (041) 244-2388 (das 8 às 18h), e (041) 333-6162 (dentro do expediente comercial).

ANEXO 4 - REPORTAGEM DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ

CURITIBA, TERÇA-FEIRA, 24 DE DEZEMBRO DE 1986 TRIBUNA DO PARANÁ

União Ahu bicampeão feminino da Taça Paraná

Sob o comando do professor Loir Vaz e do presidente Ciro Buckman, a equipe feminina do União Ahu sagrou-se sábado último bicampeã da Taça Paraná da categoria, vencendo o bom time de Cianorte por 4 gols a zero, após empate no jogo anterior realizado lá na cidade de Cianorte por 1x1. As visitantes, que haviam endurecido o jogo inicial em casa, voltaram a jogar bem apenas no primeiro tempo, mantendo o marcador inalterado, porém no segundo tempo a "orquestra" do Loir funcionou harmoniosamente chegando com méritos à vitória final de quatro a zero. Pingo fez o primeiro gol e Patrícia por duas vezes ampliou para três a zero cabendo à ponteira Cidão marcar o último gol. 4x0 o justo resultado final. A formação básica do time campeão teve a goleira Bolinha (repetindo o feito anterior, a menos varada do certame), Fredi, Sandra, Ema, Sônia, Pingo, Pinheiro, Patrícia, Noeli e Cidão. O União Ahu vai preparar-se agora para o campeonato brasileiro em fevereiro no Rio de Janeiro.

A campanha do bi
Fase de classificação:
Umuarama 4x1 e 3x0
Vila Hauer 4x0 e 9x0
Quartas-de-final
Umuarama 6x1 e 4x1
Semifinal
PSTC 1x0 e 4x0
Decisão:
Cianorte 1x1 e 4x0

Resumo Jogos: 10 Vitórias: 9, Empate: 1, Gols pró: 40, Contra: 4.

Solemnidades
Após o jogo de sábado o presidente Moura fez entrega dos troféus as duas equipes prometendo todo o apoio da federação aos certames da categoria feminina. (Fotos de Irineu)

Pequenas notas
- Edimar Jorge Nasser, ex-árbitro da federação e ligado ao futebol campo-largueteiro desde o ano de 1980 foi aclamado presidente da Liga de Campo Largo. A posse e o arbitral para o próximo campeonato têm data pré-determinada: 20 de janeiro.

- Na última sexta-feira o Capão Raso realizou a festa de encerramento das atividades em 1986 e o presidente Antônio Araújo Perera já está traçando planos para a próxima temporada, inclusive mantendo o técnico Marinho em suas fileiras.

- Altair Paulin, Lauro Ferro e os homens fortes do Trissle realizam reuniões visando a permanência do clube rubro-verde firme no campeonato de 1987.

- O presidente Moura indicou o nome de Jairo Marcelino para o comando do Departamento Amador da FPF. A confirmação da presença do ilustre edil curitibano vai ser confirmada ainda nesta semana.

- Apreço ao Mesquita Ramos, de Matinhos, e a dona Terézinha Lima, do Novo Mundo, os votos de Feliz Natal e Próspero Ano Novo.



União Ahu 4x0 Cianorte (lances do jogo)

ANEXO 5 - REPORTAGEM DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ

Suburbana

ENTREVISTA

Futebol feminino

U. Ahu reconquista título nas penalidades máximas

Domingo pela manhã foi decidido o título estadual feminino em jogo disputado no Estádio Ricardo Halik. União Ahu (local) e Floresta de Foz do Iguaçu que empataram no jogo anterior sem abertura da contagem, voltaram a empatar sem que o marcador fosse movimentado. Também na prorrogação não houve gol e a decisão foi para as penalidades máximas. Foi mais feliz o União Ahu que converteu quatro tiros de rigor contra apenas um das adversárias. Formação das equipes: **União Ahu** (campeão paranaense de futebol feminino): Andréa, Moreli, Silvana, Ângela, Pires, Verônica (Daiane), Sônia, Joice, Marcinha (Letícia) (Luciana), Dane e Alexandra. Téc. Loir Vaz. **Floresta** (vice): Lilian, Jura (Rose-li), Coloski, Patrícia, Vânia, Cissa, Carmen (Lucinéia), Adriana, Edna, Fernanda (Carla), Juliana. Téc: Alexandre Andrade. Cobertura de Nilson Camargo. Fotos de Irineu Horbatiuk.



União Ahu volta a conquistar o título.

Atenção clubes amadores

Manoel Ceccon Leandro (presidente da associação) e Dilon Waldrigues (diretor do departamento amador) convidam os presidentes de clubes interessados em participar dos campeonatos das três divisões em

1999, para que compareçam nesta sexta-feira às 20h na sede da associação anexa ao Estádio do Pinheirão onde além da confraternização de final de ano serão discutidos assuntos importantes em relação à próxima temporada.

Festa do Nacional

Francisco Cúnico Bach está convidando jogadores e a crônica para o jantar de encerramento do ano que o Nacional realizará dia 21 no Restaurante 5 Sinos, filial da Vila Hauer, dia 21 às 20h. Agradecemos o convi-

te. Informa também que a assembléia para eleição da nova diretoria está programada para o dia 28.

Quatro títulos

A seleção de Palmeira já conquistou a Taça Paraná de Juniores em quatro oportunidades: 1987, 1988, 1996 e 1998.



Lance do jogo decisivo.



Floresta de Foz não chegou ao bi mas ficou com o vice.

ANEXO 6 - REPORTAGEM DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ

União Ahu mantém time feminino

Apesar da ausência do time principal nos campeonatos amadores de Curitiba, o União Ahu mantém em atividade o seu futebol feminino, que nos últimos anos ganhou destaque nacional. A jogadora Andréa foi convidada para a seleção brasileira e em seguida transferida para o São Paulo FC no mês passado. Outras que foram para o tricolor paulista: Sandra Moreli, Simone e Sinaide. O Juventus também de São Paulo levou para a capital paulista a jogadora Francelli.

A nova equipe continua em ação participando de vários eventos esportivos. Campeão do Torneio da Uva em Colombo onde procura este ano o bi. Data: 11 de abril. Dia 18 enfrenta amistosamente o América de Ponta Grossa e dia 28 a equipe comandada pelo Loir Vaz se desloca até a cidade de Pien onde participará de um torneio. Os exercícios físicos e de conjunto são realizados todos os domingos às 15h no Estádio Ricardo Halik. São realizados também testes para as novas jogadoras.

ANEXO 7 - REPORTAGEM DO JORNAL TRIBUNA DO PARANÁ

de 2007

de Letra TALENTOS DA BOLA

Jorge Luiz da Silva
jorgel@prn.com.br

17

O PAPO É São José

JOGA A TOALHA

Campeão no campo, o time está perdendo o título do Paranaense, na Justiça

Em decisão unânime da Segunda Comissão Disciplinar, no Pleno do Tribunal de Justiça Desportiva da FPF, o time do São José perdeu, pela segunda vez, o título do Campeonato Paranaense de Futebol Feminino de 2007, conquistado dentro de campo, em confronto com o Iaborá, clube queixoso, que está prestes a ser declarado novo campeão.

Não vai recorrer
Segundo Jorge Cachorowski, homem-forte do São José, o clube não entrou com recurso na última sexta-feira e não está propenso a fazê-lo no primeiro dia útil do próximo ano, quando expira o prazo para recorrer da decisão (em virtude do recesso de final de ano) no STJD, do Rio de Janeiro.

Pedido
Além dos gastos, a quase certeza de não recorrer ao Tapetão do Rio, vem em virtude de pedido do secretário de Esportes de São José dos Pinhais, Amarildo Rosa, que vê com bons olhos a possibilidade de a cidade sediar o Campeonato Sul-Brasileiro de Futebol, com a participação por igual, das duas principais forças da cidade no futebol feminino.



Caçapava (Fanny), Jorge (São José), Amarildo Rosa (secretário de Esportes de São José) e Leônidas Nery Dias, novo diretor do Depto. feminino da FPF, em recente encontro.



São José: bicampeão paranaense na bola, brilha na Copa Brasil.

Sul-Brasileiro
A competição oficial do calendário da CBF poderia ter sido realizada no final deste ano, mas por causa dessa pendenga jurídica ficou para o início do próximo ano e seria a participação de quatro equipes, sendo as duas de São José, mais o campeão gaúcho (Juventude) e o campeão catarinense (Olimpia) e para tanto, o processo jurídico, se levado ao Rio, poderia tirar as chances tanto do São José quanto do Iaborá.

O troféu
Ao que tudo indica, Jorge e Cia. cartem o troféu de campeão até o final do ano. Ele seria dito a pessoas de seu círculo íntimo de amizades, que deve entregar o "caneco" na FPF, no dia 2 ou 3 do ano que vem.

CBF reembolsará
Cilmar Goergen, presidente da Liga de Futebol de São José dos Pinhais, confirma a *Talento da Bola* que recebeu fax enviado pela CBF, dando conta que o clube e/ou a liga serão reembolsados financeiramente em janeiro próximo.

Os valores - cerca de oito mil reais - foram bancados pela gente são-joseense quando das viagens do clube ao Estado de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, na fase de classificação da Copa Brasil Feminina. Menos mal.

Recesso
Desde ontem a FPF está em recesso e só retorna às atividades normais dia 2 de janeiro de 2008. Já o TJD entra em "férias" a partir de amanhã, retomando somente dia 7 do ano que vem.